



(É a festa que os indígenas dedicam aos seus mortos)

O Quarup constitui o mais importante ritual nas tribos do Alto Xingu e simboliza o fim do luto, estando ligado ao herói Mavutzhin. Ele tentou

ressuscitar os mortos, representando-os por troncos de árvores,

pintados e enfeitados com objetos de uso pessoal do

falecido, que adquiriram vida. Mas esse ritual não podia ser visto por

ninguém. Como não foi obedecida essa proibição, o herói anunciou que

os mortos não mais voltariam à vida no Quarup. Na aldeia Yawalapiti do

Alto Xingu o Quarup foi realizado este ano com a participação de mais

oito aldeias vizinhas, sendo providenciado por alguns brancos,

principalmente jornalistas, que documentaram seus lances.

O QUARUP NO ALTO XINGU

Texto:

SANDRA MANFREDINI

Fotos:

MANOEL ISIDORO

Maior emoção do que sobrevoar, a bordo de um avião Bútilo da FAB, o serrado matogrossense, nos aguardava mais abaixo, no encontro com os verdadeiros donos da terra. O abraço de sentimento e tradições começou a ser despertado na chegada ao Posto Indígena Leonardo Villas Boas, e posteriormente na entrada da aldeia de Yawalapiti, com a saudação dos índios, e seus olhares curiosos. Desde o início do Quarup, no sábado à tarde, até o seu término, no domingo ao meio-dia, as surpresas nos assaltavam a cada momento.

A preparação para o Quarup — festa em homenagem aos mortos e final do período de luto — começou duas semanas antes, quando os índios iniciaram a pescaria dos peixes que seriam oferecidos aos convidados. Nessa mesma época foram também cortados os troncos e escondidos na mata, uma vez que as mulheres não poderiam vê-los até o dia da festa. No sábado pela manhã os troncos foram fincados no chão, sob uma pequena cabana, em frente à casa dos homens, onde passaram a ser esculpidos e pintados.

Quando os desenhos estavam prontos, os cocares, colares e outros enfeites foram colocados pelas mulheres e crianças. Os troncos são cortados de uma árvore especial — Mãri — e dessa vez foram seis os homenageados: a filha de Arítana, cacique da aldeia, Yawalapiti; dois sobrinhos do cacique Takumá, da tribo Kamairá: Marankapá, de 16 anos, e Menhu, de 17 anos, mortos por intoxicação, mais três antepassados, entre os quais a avó de Arítana.

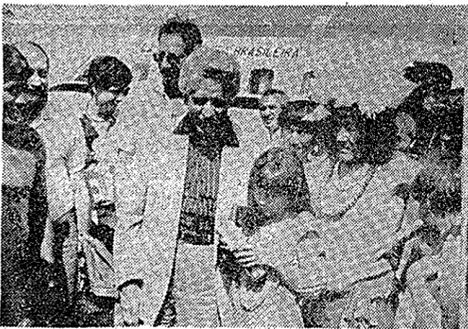
Enquanto dois tocadores de flauta Uruá, um instrumento com quase três metros de comprimento, enfeitados com vários adornos, entram e saem de cada casa, para alegrar o ambiente, começam a chegar os visitantes das tribos vizinhas, especialmente convidados para a festa. Num grande contraste, a maioria deles atravessa o rio Tatuari (afluente do Xingu) sobre as canoas, mas com bicicletas, roupas, rádios e gravadores nas mãos.

AS DANÇAS E LAMENTAÇÕES

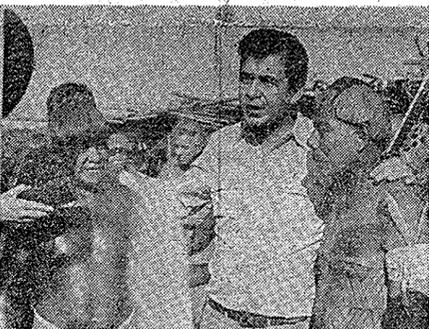
Com a chegada dos convidados começam as danças, a preparação e pintura dos corpos, e as lamentações em volta dos Quarup. A festa varia a noite, com muito choro e lágrimas. Um momento marcante é a dança Roade, onde os indígenas, dançando como pássaros, homenageiam os seus mortos com gritos e cânticos, isso porque, na versão deles, são os pássaros que levam os mortos. A noite é realizado um outro tipo de dança, com fogos de artifício, e tochas acesas, clareando a escuridão.

Enquanto os convidados, índios e brancos, dormiam nas malocas as lamentações prosseguiram até o amanhecer. Os que lutariam o Huka-Huka, no dia seguinte, não puderam descansar na véspera da competição, para não sonhar. Pois, como diz a lenda, se tiverem um sonho ruim perderão a luta. Os lutadores são submetidos a um ritual bastante doloroso, com dentes de peixe cachorra, passados profundamente sobre os seus músculos, até sangrar, o que, segundo eles, aumenta a resistência e impede o cansaço.

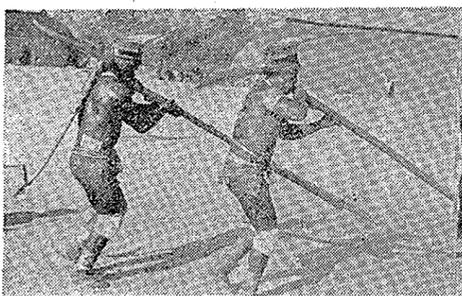
Depois disso é aplicada uma erva — Timbó — anestésica e antiinflamatória. Os demais índios retiraram as suas roupas com muita naturalidade, e começam a se preparar com tinta de urucum (vermelha) e uma mistura de carvão com óleo de piqui. Nem mesmo os jornalistas escaparam do tingimento, uma vez que deixar pintar o corpo, ou até mesmo um pequeno desenho no rosto, é uma forma de gentileza, de demonstrar que se está sendo bem recebido.



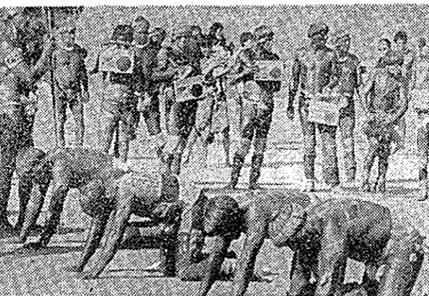
O ministro Aulício Pimenta, da Cultura ...



... e Almir Pazlanotto, do Trabalho, também presentes.



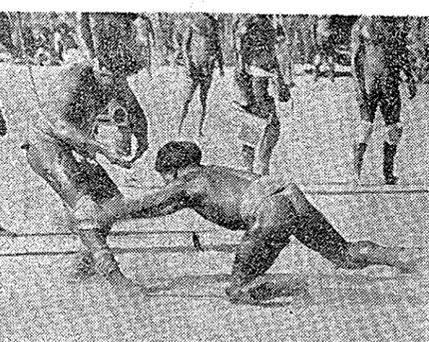
Tocadores da flauta Uruá dão alegria ao ambiente



Os campeões das aldeias preparam-se para a luta de Muka-Huka



Os homens-tronco simbolizam a ressurreição



Uma luta sem juízes, decidida entre os próprios contendores

NO DOMINGO O PONTO ALTO DA FESTA

No domingo pela manhã as danças prosseguem com grande intensidade, até o horário de se dar início às lutas. Os campeões de diferentes tribos lutam entre si, numa luta onde não existem juízes, eles próprios decidem se ganharam, perderam ou empataram. Depois de tudo isso no final da festa e lamentações, os troncos são carregados para o rio, onde são jogados, significando que finalmente os mortos estão libertos.

Nesse ano a festa foi marcada por dois casamentos, um deles com um único homem casou-se com duas mulheres. As meninas em idade pa-

ra casar ficam reclusas durante um ano, quando aprendem a tecer redes e elaborar outros adereços. E os meninos, reclusos por três meses, são ensinados na arte da caça e pesca, e tomam ervas para criarem músculos e ficarem fortes.

Seguindo atrás dos tocadores de Uruá, as futuras esposas percorrem toda a aldeia e são apresentadas a todas as tribos convidadas, até a chegada da hora do casamento. Daí para frente é hora de assumir as suas atividades de esposa, e procriar. Quarup quer dizer, de acordo com Arítana, "Alegria do Sol", mas a festa desse ano, numa confraternização de brancos e índios, representou, certamente, mais do que

uma alegria para os visitantes, e sim o conhecimento de algo novo e surpreendente.

O QUE DIZ A LENDA

Sob o céu forrado de estrelas, como um imenso tapete luminoso, os índios mais velhos explicavam a origem do Quarup: O ritual relembra o mito da criação indígena, pelo herói Mavutzhin. Segundo a tradição ele modelou cinco troncos de árvores que, depois de muita concentração e música, ganharam vida e começaram a movimentar-se. A esses homens-troncos o herói ensinou a tomar banho no rio, assobiar e fazer amor antes do sol nascer.



Depois, através do mesmo processo, Mavutzhin tentou ressuscitar os mortos. Representando-os por troncos de árvores (Quarup) pintados e enfeitados com objetos de uso pessoal do falecido, impôs uma condição: o ritual não deveria ser observado por ninguém. Como não foi obedecido nesse aspecto, anunciou que daquele momento em diante os mortos não voltariam mais à vida no Quarup.

E agora, nessas festas, são homenageados os mortos ilustres — parentes dos caciques das tribos. A festa acontece quando a constelação do céu estrelado, o som das flautas, chocalhos e a terna acolhida que tiveram.

no Xingu. Sendo tempo de seca, é também tempo de festa, já que os convidados são obrigados a acampar nas matas próximas da aldeia, e com as chuvas não viriam para a festa.

Nove aldeias participaram do Quarup neste ano: os Yawalapiti, Kamayurá, Waurá, Maheinaco, Nafukua, Matipu, Aweti, Kalapalo e Kuikure, todas elas remanescentes dos grupos linguísticos Aruak, Karibe e Tupi. E também os brancos que pela primeira vez, em grande número, viveram as emoções do Quarup, certamente não esquecerão o céu estrelado, o som das flautas, chocalhos e a terna acolhida que tiveram.